

# HOMOSSEXUALIDADES E A HISTÓRIA: RECUPERANDO E ENTENDENDO O PASSADO

---

James N. Green

E-mail: james\_green@brown.edu

**Resumo:** Este ensaio considera a trajetória da produção acadêmica sobre a história da homossexualidade no Brasil, menciona vários desafios para realizar pesquisas e aponta pistas para novas investigações.

**Palavras-chave:** história da homossexualidade; sodomia; lésbicas; movimento LGBT.

**Abstract:** This essay considers the trajectory of academic production about the history of homosexuality in Brazil, mentions several challenges for carrying out research, and points to new areas of investigation.

**Keywords:** history of homosexuality; sodomy; lesbians; LGBT movement.

Na última década, a produção acadêmica brasileira sobre a homossexualidade masculina e feminina, sobre a homofobia nas escolas e sobre a discriminação que enfrentam os travestis tem sido considerável em comparação com os trabalhos que saíram das universidades brasileiras no final do século XX. Há uma diversidade de pesquisas nas disciplinas de antropologia, comunicação, educação, estudos cinematográficos, estudos culturais, literatura, psicologia, saúde pública, sociologia, para citar apenas as áreas mais destacadas. Esses trabalhos oferecem um conhecimento sofisticado e complexo sobre a sociedade brasileira contemporânea e sobre a convivência e as tensões com a homossexualidade e a homoafetividade. Infelizmente, a disciplina de história está bastante atrasada no desenvolvimento de “estudos LGBT”. Existe um campo aberto para as novas gerações de pesquisadores e jovens historiadores interessados em descobrir e revelar os numerosos silêncios que existem na historiografia brasileira.

Apesar das limitadas produções atualmente existentes sobre a história de homossexualidades no Brasil, é fundamental reconhecer os pioneiros no processo de recuperação das histórias sobre a homoafetividade e as relações homoeróticas, que floresceram ora em épocas mais remotas, ora em épocas mais recentes. Influenciado pelo olhar antropológico, nos anos 1980 houve o primeiro *boom* de pesquisas sobre a história das homossexualidades no Brasil, especialmente estudos sobre a época colonial e trabalhos sobre o século XX. A disciplina de história se manteve durante muito tempo longe dessas pesquisas, dividida entre os praticantes tradicionais de métodos e ideologias conservadores e os neomarxistas, ortodoxos ou não, que se preocuparam em entender as estruturas econômicas e as formas de exploração. As relações de classe explicavam tudo.<sup>1</sup> Homossexualidade era “coisa de viados”, e não um assunto para historiadores sérios. Ainda hoje, depois de mobilizações maciças nas ruas e conquistas democráticas, dentro das universidades existe uma dupla moralidade. Dentro de departamentos de história, há uma resistência para levar a sério pesquisas sobre a homossexualidade que não aquelas de uma época distante.

Usando as vastas fontes das visitações do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição no Brasil, Luiz Mott, Ligia Bellini e Ronaldo Vainfas ofereceram as primeiras obras sobre a sodomia – o pecado nefasto –, que no período colonial poderia levar o acusado a sua execução.

---

<sup>1</sup> Nos anos 1990, houve outro boom na produção brasileira sobre sexualidade, agora influenciado pela ideia de Michel Foucault. Contudo, o filósofo e historiador francês pouco influenciou as primeiras obras sobre a homossexualidade escritas nos anos 1980.

Luiz Mott, professor de antropologia na Universidade Federal da Bahia, durante mais de 30 anos, e ativista incansável no movimento LGBT, encontrou, em meio as suas pesquisas nos arquivos da Torre de Tombo em Lisboa, entre outros lugares, numerosos casos de homens – brancos e negros, escravos e libertos, jovens e velhos, ricos e pobres – que mantiveram relações sexuais com outros homens. Mott mapeou uma geografia urbana de homoerotismo em Lisboa e Salvador, onde pessoas de todas as classes sociais, cores e inclinações sexuais se encontraram para aventuras sexuais passageiras e/ou relações duradoras.<sup>2</sup>

Ligia Bellini (1989), orientada por Mott, utilizou oito casos da Inquisição para entender como esta instituição tratou as mulheres acusadas de cometer a sodomia “imperfeita”, pois não existia penetração na relação sexual entre elas, elemento fundamental no mundo falocêntrico. Parece que as *nefandices* confessadas por mulheres, em geral, receberam menos atenção da Santa Inquisição, talvez por causa de um olhar misógino dos homens da Igreja, que não poderiam imaginar uma sexualidade efetiva ou afetiva entre mulheres.

O historiador Ronaldo Vainfas (2010) contextualizou os casos de perseguição de sodomitas em um estudo mais amplo sobre transgressões e comportamentos sexuais na colônia, entre os séculos XVI e XVIII. Recentemente, uma coletânea de artigos sobre a homossexualidade masculina no mundo luso-brasileiro ofereceu mais casos sobre as práticas sexuais em Portugal e no Brasil, especialmente quando a Terra de Santa Cruz fazia parte do império português (JONHSON; DUTRA, 2006).<sup>3</sup>

Esses trabalhos sérios, baseados em pesquisas meticulosas realizadas em arquivos localizados no Brasil e Portugal, legitimaram dentro do mundo acadêmico o estudo de sexualidades transgressoras na época colonial. Os documentos da Inquisição ofereceram uma fonte rica para reconstruir a vida social dos homens e das mulheres que violaram os mandamentos da Igreja e os comportamentos de gênero do período. A falta de outra documentação, porém, limita o nosso conhecimento dos padrões cotidianos de sexualidades, especialmente práticas proibidas e condenadas.

Com a abolição do Santo Ofício da Inquisição e a Independência do Brasil, a ausência de códigos criminais castigando a sodomia dificulta o trabalho do historiador que procura fontes a fim de entender as vidas dos ho-

<sup>2</sup> Consulte os trabalhos de Mott (1980, 1988, 1989, 2003).

<sup>3</sup> A grande maioria dos artigos nessa coletânea trata da época colonial.

mens e das mulheres que não se conformaram aos protótipos sexuais hegemônicos. No período imperial, apesar de ser considerado um ato obsceno, o exercício de sexualidades não normativas não poderia ser controlado pelo Estado, a não ser que fosse praticado em lugares públicos, ofendendo, assim, “a moral e os bons costumes” da sociedade brasileira ou causando “ultraje público ao pudor”. Existe evidência na documentação já descoberta para supor que a polícia patrulhava os espaços públicos para “limpar” as cidades de homens efeminados e “escandalosos” ou das mulheres-homens demasiado visíveis. As autoridades só poderiam acusar os transeuntes de vadiagem se eles mostrassem um comportamento fora dos padrões de gênero dominante. Isso protegia os homens de boa posição social. Para as classes médias, um suborno poderia livrar um sujeito de uma passagem pela delegacia. Para os pobres, prisão por vadiagem era comum.<sup>4</sup> Ou seja, nos arquivos estaduais e no Arquivo Nacional não existe uma maneira fácil de encontrar a documentação para relatar a vida pessoal e social dos sodomitas, frescas e fanchonos que se agruparam nas capitais das províncias durante o Segundo Reinado.<sup>5</sup> Documentação ainda mais esparsa é aquela existente sobre as mulheres que se vestiam de homem para perambularem nas ruas com um comportamento masculino e audaz. Qualquer pessoa ou equipe de pessoas que queira investigar a homossexualidade no século XIX tem um grande desafio para encontrar uma documentação suficientemente detalhada que possa recuperar as experiências das mulheres e dos homens que desafiaram as normas sociais e sexuais naquela época.<sup>6</sup>

Ainda existe uma falta notável de pesquisas sobre as manifestações das homossexualidades no Império, mas nos anos 1980, vários antropólogos e um escritor iniciaram a recuperação precursora das histórias da homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Peter Fry, naquele momento um professor de antropologia na Universidade Estadual de Campinas, começou as suas pesquisas com três preocupações intelectuais: os discursos médico-legais prevalentes no início do século XX, que fortaleceram a construção de um sujeito “homossexual”; os espaços de sociabilidade e religiosidade para homens efeminados dentro de candomblé; e os comportamentos de gênero prevalentes entre muitas pessoas que tiveram relações homossexuais. Fry (1982a) utilizou o caso de Febrônio Índio do Brasil, que foi condenado ao Manicômio Judiciário por ter assassinado três

<sup>4</sup> Ver Capítulo 1, GREEN, Além do carnaval, p. 51-118.

<sup>5</sup> Para Bahia, veja Dos Santos (1997) e Mott (1999). Para Rio de Janeiro, consulte Higgs (1999) e Figari (2007).

<sup>6</sup> No seu esforço extraordinário, com suas pesquisas, durante mais de 30 anos, de colecionar material sobre a homossexualidade masculina e feminina no Brasil, Luiz Mott, nos deixa muitas pistas para seguir. Sobre as mulheres, por exemplo, ver Mott (1987).

garotos em 1927, para analisar como médicos, criminologistas e psiquiatras associavam a homossexualidade masculina com perversão, sadismo e insanidade. Os ensaios de Fry (1982b, 1982c) sobre a presença de homossexualidade no candomblé e as construções de padrões de gênero nas relações sexuais entre muitos homens, nas quais os papéis “ativo-passivo” e “macho-fêmea” predominavam, ofereceram uma historicidade à homoafetividade e indicaram as diversidades de comportamento sexual, conforme as distintas classes sociais e tipos de sociabilidade.

Peter Fry colaborou com Edward MacRae, na época estudante de mestrado em antropologia na Unicamp, na popularização da sua pesquisa em um pequeno e importante ensaio, publicado na coleção “O que é...” da Editora Brasiliense.<sup>7</sup> Fry e MacRae identificaram diversos médicos, criminologistas e outros especialistas cujos trabalhos no começo do século XX forjavam os discursos médico-legais sobre a homossexualidade. Estes discursos e o moralismo religioso se mantiveram hegemônicos no Brasil até os anos 1970 e 1980, quando os movimentos LGBT internacional e brasileiro obrigaram a uma reavaliação desses conceitos.

Outro jovem antropólogo, Nestor Perlongher, um argentino exilado que tinha participado da *Frente de Liberación Homosexual* (FLH) da Argentina, no começo dos anos 1970 – antes que a repressão da ditadura militar naquele país dispersasse a organização –, fez um estudo original sobre a prostituição masculina em São Paulo.<sup>8</sup> Na tentativa de mapear a homossexualidade no centro de São Paulo nos anos 1980, Perlongher encontrou um artigo importante escrito por José Fábio Barbosa da Silva, um sociólogo que tinha realizado a primeira pesquisa moderna, no final dos anos 1950, sobre a homossexualidade masculina no Brasil. O artigo de Barbosa da Silva (1959) documentava as práticas de homossexuais em São Paulo sem utilizar o moralismo e o desrespeito típicos dos profissionais que estudavam o assunto. O trabalho sociológico desse autor deixou muita informação sobre o comportamento de homens, na sua maioria da classe média, e os seus lugares de sociabilidade no centro urbano.<sup>9</sup> O próprio trabalho de Perlongher sobre a convivência de *michês* com homossexuais em São Paulo nos anos 1980, como outros estudos antropológicos e sociológicos realizados nos anos 1970 e 1980, serve como fonte densa para as pesquisas de historiadores. Outra pesquisa pioneira sobre homossexualidade

<sup>7</sup> FRY; MACRAE, 1991.

<sup>8</sup> PERLONGHER, 2008.

<sup>9</sup> A pesquisa completa de Barbosa da Silva foi publicada junto com ensaios sobre a homossexualidade em São Paulo por antropólogos e historiadores em 2005. Consulte Green e Trindad (2005).

masculina no Rio de Janeiro foi a dissertação de mestrado de Carmen Dora Guimarães, defendida no Museu Nacional em 1977 e recentemente publicada.<sup>10</sup> Guimarães, como Barbosa da Silva, retratou a vida de homossexuais da classe média, mas lançou seu olhar sobre um momento imediatamente antes da epidemia de aids, captando a vivacidade da convivência entre os homossexuais cariocas dessa época.<sup>11</sup>

Depois de colaborar com Peter Fry no livro *Que é homossexualidade*, Edward MacRae seguiu sua trajetória acadêmica fazendo o seu doutorado na USP e defendendo o primeiro trabalho antropológico sobre homossexualidade naquela instituição. MacRae resolveu estudar o Somos: Grupo de Afirmação Homossexual, a primeira organização política de gays e lésbicas no Brasil.<sup>12</sup> Utilizando a compreensão do seu orientador, Peter Fry, sobre a prevalência de papéis de gênero tradicionais embutida na sociabilidade homossexual nos anos 1950 e 1960 e notando uma transformação nesse comportamento nos anos 1960 e 1970, MacRae aplicou a metodologia de observação-participante para estudar o grupo Somos. O resultado é uma pesquisa cheia de percepções instigantes sobre este grupo precursor do movimento LGBT, que serve como fonte importante para qualquer recuperação dos primeiros momentos de ativismo no Brasil. Uma década depois, Claudio Roberto da Silva (1998) fez um trabalho baseado em histórias orais de líderes da primeira etapa do movimento no Brasil, que também serve como uma fonte imprescindível para qualquer investigação sobre este tema.

Outro trabalho importante sobre esse período é um pequeno livro assinado por Hiro Okita (2007) e produzido pela Facção Homossexual da Convergência Socialista – atualmente o Partido Socialista dos Trabalhadores (Unificado) –, que fazia parte da ala esquerda do movimento no seu período inicial. O livro traz o programa da facção que, na época, propunha a formação de uma coordenação nacional do movimento, a mobilização contra a discriminação dentro dos sindicatos e dos lugares de trabalho e a celebração do 28 de junho como Dia Internacional da Luta Homossexual. Também contém entrevistas com representantes de várias correntes da esquerda sobre a homossexualidade, indicando a variedade de visões sobre o assunto naquele momento. O escritor e ativista João Silvério Trevisan, fundador do movimento LGBT brasileiro, colaborou também com a

---

<sup>10</sup> GUIMARÃES, 2004.

<sup>11</sup> Outra pesquisa dessa época, que nunca foi publicada em livro, é um estudo sobre sexo nos cinemas do Rio de Janeiro nos anos 1980, de Veriano Terto Junior (1989).

<sup>12</sup> MACRAE, 1990.

sua obra *Devasso no paraíso*.<sup>13</sup> Assim como Fry e MacRae, ele identificou importantes fontes para escrever a história da homossexualidade no Brasil, oferecendo sua leitura sobre a história do Grupo Somos e a primeira onda de ativismo no país.

No final dos anos 1970, morando em São Paulo, pude participar da fundação do Grupo Somos. Por causa de uma série de fatores (curiosos e complicados) também dirigia a corrente de esquerda dentro do movimento. Nós queríamos forjar alianças e colaborações com o PT, outros setores da esquerda e movimentos sociais que surgiram no processo da transição da ditadura à democracia. Morei seis anos no Brasil e depois voltei para os Estados Unidos, onde entrei no Programa de Pós-graduação em História da América Latina na Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA). Resolvi fazer a minha tese de doutorado sobre a história do movimento brasileiro, comparando-o ao FLH argentino. Eu tinha como modelo o trabalho do historiador John D'Emilio (1983), que fez um estudo sobre a formação nos Estados Unidos de uma identidade *gay* e o início do ativismo entre a Segunda Guerra Mundial e a Rebelião de Stonewall de 1969. Apesar de ter um movimento LGBT forte nos Estados Unidos, com muitos intelectuais e acadêmicos assumidos, a produção historiográfica ainda não era muito avançada. Somente durante as celebrações do 25º aniversário da Rebelião de Stonewall em Nova York, em junho de 1994, foi lançado o livro de George Chauncey sobre a formação de uma cultura urbana *gay* em Nova York no começo do século XX. Passou uma década entre a publicação das obras de D'Emilio e Chauncey, de modo que nesse intervalo houve pouca produção histórica sobre a homossexualidade nos Estados Unidos. Com cópias dos dois livros na minha bagagem, tomei um avião para o Brasil para começar a trabalhar.

Cheguei em São Paulo em um sábado, e na segunda-feira bem cedo fui para o Arquivo Público do Estado de São Paulo, ansioso para iniciar a minha pesquisa. Procurei um amigo, Lauro Ávila Pereira, que trabalhava no arquivo, que me ofereceu um *tour* pelo prédio. Entre revistas e jornais antigos, processos criminais do século XIX e outros documentos, ele me mostrou os prontuários do Sanatório Pinel de São Paulo, de 1930 a 1944. Pensei: "Deve ter pelo menos um caso de uma pessoa internada pela família por ser homossexual". Pedi os prontuários e comecei a revisá-los um por um. O caso nº 139 revelou a história de um frade alemão que foi transferido para o Rio de Janeiro nos anos 1920 porque estava sendo acusado de ter tido re-

---

<sup>13</sup> TREVISAN, 2000.

lações sexuais com meninos. Tal prática se repetia no Brasil. Ao que parece, ele negociou um tempo no sanatório para evitar castigos mais severos. Este caso ofereceu a esperança de outros e continuei revisando os prontuários. Eventualmente, encontrei 11 casos que mencionavam a homossexualidade do paciente, entre mais de 3.800 outros, em 126 caixas. Apesar de ser um trabalho laborioso, que levou mais de um mês para terminar, percebi que tinha condições para modificar o meu projeto de pesquisa. Em vez de escrever a história acerca do período inicial dos movimentos brasileiro e argentino, encontrei em São Paulo e no Rio de Janeiro fontes para tentar reconstruir a história da homossexualidade masculina do século XX em pelo menos duas cidades. Utilizei os livros mencionados neste ensaio para procurar pistas e fontes, com a ajuda adicional de um excelente guia bibliográfico produzido por Luiz Mott em 1985.<sup>14</sup>

Durante os nove meses em que transitei entre os arquivos no Rio, em São Paulo e em Campinas, aprendi a técnica de garimpar muito para conseguir pedacinhos de ouro nos lugares mais diversos e obscuros.<sup>15</sup> Não existia a possibilidade de ir ao Arquivo Nacional e pedir todos os documentos da coleção sobre a homossexualidade, organizados, catalogados, indexados e disponíveis para qualquer consulta. Não havia um índice dos jornais publicados nos anos 1920 ou 1930, que permitiria fácil acesso sobre casos de “pederastia” ou de “mulheres-homens.” Ainda são praticamente inexistentes as cartas disponíveis de pessoas famosas ou não que mantiveram relações sexuais e românticas com pessoas do mesmo sexo. As memórias escritas por e sobre personalidades, em geral, censuram detalhes sobre suas vidas sexuais quando se trata de aventuras homoeróticas. Mas, com criatividade, garra e uma atitude audaz é possível pesquisar e produzir mais sobre a homoafetividade e a homossexualidade no Brasil.

Nesse sentido, gostaria de sugerir várias ideias e pistas para que a nova geração de historiadores possa seguir:

1. Faltam trabalhos profundos sobre a história de homoerotismo em outras cidades do Brasil, além do Rio de Janeiro e São Paulo. Luiz Morando, um dedicado pesquisador, fez um excelente estudo sobre Belo Horizonte a partir de um assassinato cometido no Parque Municipal em 1946.<sup>16</sup> Logrou retratar a sociabilidade de homossexuais e outros

---

<sup>14</sup> MOTT, 1985. Madison: SALAM Secretariat, University of Wisconsin-Madison, 1987, p. 592-609. Anos depois publiquei outra bibliografia anotada sobre a produção dos anos 1980 e 1990 com a colaboração de Marisa Fernandes e Lance Arney (2003).

<sup>15</sup> Reproduzi documentos da minha primeira pesquisa em Green e Pólito (2006).

<sup>16</sup> MORANDO, 2008.

- que frequentaram o seu universo no centro da capital de Minas Gerais. Este trabalho serve como exemplo da criatividade necessária (e possível) para escavar resíduos do passado em outras capitais do país.
2. Em termos gerais, o século XIX ainda é uma incógnita. Vários livros escritos no final desse século fizeram referências às personalidades e aos grupos semiclandestinos que funcionavam no Rio de Janeiro, no Segundo Reinado, mas não nos deixaram muitas pistas para seguir. É necessário que pesquisadores universitários proponham projetos grandes e audazes com financiamento adequado para que equipes de bolsistas possam vasculhar centenas de jornais e periódicos e dezenas de milhares de processos criminais do século XIX e do começo do século XX, para encontrar vestígios de manifestações de homossexualidade nos documentos. É necessário divulgar e investir nesse grande projeto para que outros historiadores, trabalhando sobre diferentes assuntos, possam repassar materiais, documentos e pistas encontrados nas suas próprias pesquisas aos organizadores desses projetos.
  3. Existia uma sociabilidade muito importante e interessante entre homossexuais masculinos e femininos do mundo artístico nos anos 1940, 1950 e 1960, fato pouco documentado. Por exemplo, uma biografia completa e complexa sobre Darcy Penteadado, artista plástico, escritor e membro do Conselho Editorial do jornal *Lampião da Esquina*, poderia ser uma entrada nesse mundo homossexual da classe média e alta paulistana, no qual circularam pessoas de todas as classes sociais. Assim como em qualquer biografia sobre uma figura pública, provavelmente existirá certa relutância entre familiares e amigos em revelar aspectos da “vida privada” da personalidade, conforme se revelou com as tentativas de se descobrir mais informações sobre a vida pessoal de Mário de Andrade. Contudo, uma pesquisa nesse sentido poderia render muito.
  4. É preciso injetar a sexualidade na história política do país. Por exemplo, qual é a relação entre a homofobia e os discursos e as ações da ditadura militar?<sup>17</sup> Quais são os detalhes sobre a campanha (não exitosa) para expulsão de homossexuais do Itamaraty durante o regime cívico-militar? Quais são a história e as histórias sobre a homossexualidade e a esquerda brasileira? Meu próximo livro, uma biografia de Herbert Daniel, ex-guerrilheiro e porta-voz de pessoas com HIV-Aids, é um esforço para tratar desse assunto. Precisamos de muitos histo-

---

<sup>17</sup> O exemplo deste caminho é a tese de doutorado de COWAN, Benjamin. *The Secret History of Subversion: Sex, Modernity, and the Brazilian National Security State*. Tese de doutorado. University of Califórnia, Los Angeles, 2010.

riadores pesquisando sobre a política e a (homo)sexualidade, especialmente no século XX.

5. Como entendemos o movimento LGBT dentro de um contexto muito maior sobre as transformações que ocorreram ao longo dos últimos 40 anos e as transições de ditadura para democracia? Qual é a relação entre nacional e internacional, entre nacional e local no processo de crescimento do ativismo LGBT no Brasil?
6. Para concluir, novas pesquisas sobre a história das lésbicas no Brasil são fundamentais. São quase inexistentes. Bons trabalhos vão exigir uma criatividade extraordinária para encontrar a documentação suficiente para recompor histórias de vida e informação sobre sociabilidades, linguagens, espaços e comportamentos de mulheres que mantiveram relações sexuais e afetivas com outras mulheres. Falta uma história ampla e completa sobre as mulheres no movimento LGBT ou no movimento feminista, só para mencionar duas ausências na historiografia do Brasil contemporâneo. O trabalho de Nadia Nogueira (2008) sobre Elizabeth Bishop e Lota de Macedo Soares é exemplo no sentido como procurar assuntos que podem abrir maiores perspectivas sobre as vivências de lésbicas no Brasil.

Temos muito trabalho pela frente!

## Referências

ARNEY, Lance; FERNANDES, Marisa; GREEN, James N. Homossexualidade no Brasil: uma bibliografia anotada. In: GREEN, James N.; MALUF, Sônia Maluf. Homossexualidade: sociedade, movimento e lutas. *Cadernos Edgard Leuenroth*, Campinas: UNICAMP, n. 18, 19, p. 317-48, 2003.

BELLINI, Ligia. *A coisa obscura*: mulher, sodomia e inquisição no Brasil colonial. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CHAUNCEY, George. *Gay New York: Gender, Urban Culture and the Making of the Gay Male World, 1890-1940*. New York: Basic Books, 1994.

D'EMILIO, John. *Sexual Politics, Sexual Communities: The Making of a Homosexual Minority in the United States, 1940-1970*. Chicago: University of Chicago Press, 1983.

DOS SANTOS, Jocélio Teles. Incorrigíveis, afeminados, desenfreados: indumentária e travestismo na Bahia do século XIX. *Revista de Antropologia*, São Paulo: USP, v. 40, n. 2, p. 145-182, 1997.

FIGARI, Carlos. *@s "outr@s" Cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro: séculos XVII ao XX*. Belo Horizonte: EdUFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

FRY, Peter. Febrônio Índio do Brasil: onde cruzam a psiquiatria, a profecia, a homossexualidade e a lei. In: EULÁLIO, Alexandre, et. al. *Caminhos cruzados: linguagem, antropologia e ciências naturais*. São Paulo: Brasiliense, 1982a. p. 65-80.

\_\_\_\_\_. Homossexualidade masculina e cultos afro-brasileiros. In: FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982b. p. 54-86.

\_\_\_\_\_. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982c. p. 87-115.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

GREEN, James. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: EdUNESP, 1999. p. 51-118.

GREEN, James N.; TRINDAD, Ronaldo. *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: EdUNESP, 2005.

GREEN, James N.; PÓLITO, Ronald. *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2006.

GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HIGGS, David. Rio de Janeiro. In: \_\_\_\_\_. *Queer Sties: gay urban histories since 1600*. New York: Routledge, 1999. p. 138-163.

JOHNSON, H. B.; DUTRA, Francis. *Pelo vaso traseiro: sodomy and sodomites in Luso-Brazilian history*. Tucson (AZ): Fenestra Books, 2006.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da "abertura"*. Campinas: EdUnicamp, 1990.

MORANDO, Luiz. *Paraíso das maravilhas: uma história do Crime do Parque*. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.

MOTT, Luiz R. B. Pagode português: a subcultura *gay* em Portugal nos tempos inquisitoriais. *Ciência e Cultura*, v. 40, n. 2, p. 120-139, 1980.

\_\_\_\_\_. A homossexualidade no Brasil: bibliographia. In: HAZEN, Dan. C. *Latin American masses and minorities: their images and realities: papers of the 3<sup>rd</sup> Annual Meeting of the Seminar on the Acquisition of Latin American Library Materials*. Princeton, New Jersey: Princeton University, June 19-23, 1985.

\_\_\_\_\_. *O lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

\_\_\_\_\_. *Escravidão, homossexualidade e demonologia*. São Paulo: Icone, 1988.

\_\_\_\_\_. *O sexo proibido: virgens, gays e escravos nas garras da Inquisição*. Campinas (SP): Papyrus, 1989.

\_\_\_\_\_. *Homossexuais da Bahia: dicionário biográfico, séculos XVI-XIX*. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 1999.

\_\_\_\_\_. Crypto-sodomites in colonial Brazil. In: SIGAL, Pete. *Infamous desire: male homosexuality in colonial Latin America*. Chicago: University of Chicago Press, 2003. p. 168-196.

NOGUEIRA, Nadia. *Invenções em si em história de amor: Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

OKITA, Hiro. *Homossexualismo: da opressão à libertação*. São Paulo: Sundermann, 2007.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

SILVA, José Fábio Barbosa da. Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo. *Sociologia*, v. 2, n. 4, p. 350-60, out. 1959.

SILVA, Claudio Roberto da. *Reinventando o sonho: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*. 1998. Tese (Mestrado) – Universidade de São Paulo, 1998.

TERTO JUNIOR, Veriano de Souza. *No escurinho do cinema: sociabilidade orgiástica nas tardes cariocas*. 1989. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1989.

TREVISAN, João Silvério. *Devasso no paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil*. [3. ed.]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.